

Formação continuada de docentes atuantes em Educação Escolar Quilombola: saberes em diálogo

 João Almeida dos Santos¹,  Suely Dulce de Castilho²

^{1, 2} Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Programa de Pós-Graduação em Educação. R. Quarenta e Nove, 2367 - Boa Esperança, Cuiabá – MT.

Autor para correspondência/Author for correspondence: jaomeidaa@gmail.com

RESUMO. Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados de uma Revisão Sistemática aplicada aos anais dos Encontros de Educação Escolar Quilombola, para análises dos resumos dos relatos de experiências pedagógicas de professores/as atuantes nas escolas quilombolas do Estado de Mato Grosso. A análise teve como objeto verificar os avanços da pedagogia quilombola diferenciada, ao longo dos três primeiros anos de realização do evento, 2019, 2021 e 2022, a fim de evidenciar o alcance das ações dos cursos de extensão universitários oferecidos pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Quilombola - GEPEQ. Buscamos contribuir para a descolonização dos saberes curriculares e do fortalecimento da educação quilombola. Metodologicamente partimos das análises dos resumos, que são relatos de experiências pedagógicas de professores/as atuantes nas escolas quilombolas. O trabalho foi elaborado por meio da Revisão Sistemática dos resumos dos Anais das respectivas edições do evento. Os resultados revelaram que houve avanços nas práticas pedagógicas diferenciadas ainda que tais avanços estejam em diferentes estágios nas unidades de ensino, além disso, a análise evidencia que a formação continuada de professores, oferecida pelo GEPEQ/UFMT através dos cursos de extensão, tendo como culminância os encontros escolares quilombolas, tem sido importante na construção e consolidação de currículos decoloniais.

Palavras-chave: educação escolar quilombola, etnosaberes, revisão sistemática, formação continuada.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 11	e20495	UFNT	2026	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	-------	--------	------	------	-----------------



Este conteúdo utiliza a Licença Creative Commons Attribution 4.0 International License
Open Access. This content is licensed under a Creative Commons attribution-type BY

Continuous professional development of teachers working in Quilombola School Education: dialoguing knowledges

ABSTRACT. This article aims to present the results of a Systematic Review conducted in the proceedings of the Meetings on Quilombola School Education, analyzing the abstracts of pedagogical experience reports written by teachers working in quilombola schools in the state of Mato Grosso. The analysis sought to examine the advances in differentiated quilombola pedagogy over the first three editions of the event (2019, 2021, and 2022), in order to highlight the reach of the actions promoted through university extension courses offered by the Research Group on Quilombola Education (GEPEQ). Our intention is to contribute to the decolonization of curricular knowledge and to the strengthening of quilombola education. Methodologically, the study is based on the analysis of abstracts, which consist of pedagogical experience reports produced by teachers working in quilombola schools. The work was developed through a Systematic Review of the abstracts published in the proceedings of the respective editions of the event. The results revealed advances in differentiated pedagogical practices, although these advances are at different stages across the educational institutions. Furthermore, the analysis shows that the continuing education of teachers offered by GEPEQ/UFMT through extension courses, culminating in the quilombola school meetings, has played an important role in the construction and consolidation of decolonial curricula.

Keywords: quilombola school education, ethno-knowledge, systematic review, continuing teacher education.

Formación continua de docentes que actúan en la Educación Escolar Quilombola: saberes en diálogo

RESUMEN. Este artículo tiene como objetivo presentar los resultados de una Revisión Sistemática aplicada a los anales de los Encuentros de Educación Escolar Quilombola, con el fin de analizar los resúmenes de los relatos de experiencias pedagógicas de profesores y profesoras que actúan en las escuelas quilombolas del estado de Mato Grosso. El análisis tuvo como propósito verificar los avances de la pedagogía quilombola diferenciada a lo largo de los tres primeros años de realización del evento (2019, 2021 y 2022), con el fin de evidenciar el alcance de las acciones de los cursos de extensión universitaria ofrecidos por el Grupo de Estudios e Investigaciones en Educación Quilombola (GEPEQ). Buscamos contribuir a la descolonización de los saberes curriculares y al fortalecimiento de la educación quilombola. Metodológicamente, partimos del análisis de los resúmenes, los cuales constituyen relatos de experiencias pedagógicas desarrolladas por docentes que actúan en las escuelas quilombolas. El trabajo fue elaborado a partir de la Revisión Sistemática de los resúmenes de los Anales de las respectivas ediciones del evento. Los resultados revelaron que hubo avances en las prácticas pedagógicas diferenciadas, aunque estos avances se encuentren en distintos niveles entre las unidades escolares. Además, el análisis evidencia que la formación continua de docentes, ofrecida por el GEPEQ/UFMT por medio de los cursos de extensión, teniendo como culminación los encuentros escolares quilombolas, ha sido importante para la construcción y consolidación de currículos decoloniales.

Palabras clave: educación escolar quilombola, etnosaberes, revisión sistemática, formación continua.

Introdução

O objetivo geral do presente artigo é apresentar os resultados de uma revisão sistemática o qual tem como objeto as análises dos Anais dos II, III e IV Encontros de Educação Quilombola.

evento promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Quilombola/GEPEQ/UFMT, como culminâncias de cursos de extensão também oferecidos pelos GEPEQ/UFMT. Os objetivos mais abrangentes são: verificar os avanços da pedagogia quilombola diferenciada, por meio das experiências relatadas nos resumos; e evidenciar o alcance das ações dos cursos de extensão universitária que o GEPEQ oferece/ofereceu, nestas escolas, nos anos de 2019, 2021 e 2022.

Os objetivos das ações extensionistas implementadas nesta experiência buscaram/buscam contribuir para a descolonização dos saberes curriculares, em termos gerais, e em termos específicos persegue a solidificação das pedagogias específicas, requeridas, pelas políticas curriculares nacionais e estaduais quilombolas e reconhecidas como importantes pelas comunidades escolares como fundamentais para o reconhecimento e valorização de seus saberes, pensares e fazeres tradicionais.

Por outro lado, visa reconhecer as ações exitosas que docentes quilombolas têm desenvolvido, como potenciais e propulsoras de contribuições não somente para as próprias escolas quilombolas, mas também para o avanço do conhecimento acadêmico, diante do que propomos, é do que nos motiva academicamente a aprender.

A educação escolar quilombola, criada como modalidade específica de ensino, a partir da Resolução n.º 08/2012 (MEC, 2012), a qual estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, ao mesmo tempo que representa uma vitória do povo negro-quilombola, tem suscitado debates e inquietações no interior das próprias escolas, e também no meio acadêmico. Os desafios postos a todos é como efetivá-la no chão das escolas. A grande pergunta das comunidades escolares é: como operacionalizar, na prática da sala de aula, tal especificidade pedagógica? A pergunta do GEPEQ/UFMT é: como contribuir?

O fato é que a formação inicial a que maioria dos/das docentes atuantes em escolas quilombolas tiveram acesso, foi aquela embasada na perspectiva colonial e colonizante com o *status de universalidade*. Isto resultou em uma formação muito distante das vivências e experiências quilombolas onde habitam e/ou trabalham (Castilho, 2024).

Esta nova pedagogia quilombola acolhe a reivindicação de que a educação leve em consideração os saberes pluriversal, e mais atenciosamente, os saberes-fazeres quilombolas, suas histórias/memórias coletivas, territorialidade, tecnologias sociais, formas de produção do trabalho, marcos civilizatórios, práticas culturais, festejos, usos, tradições e demais patrimônio cultural das comunidades (Brasil, 2012). A perspectiva é que haja um diálogo horizontal entre os saberes de suas comunidades e das culturas do mundo, das cidades e de outras comunidades (Grosfoguel, 2008).

Nesse contexto, necessário se faz reconstruir os códigos semióticos, as linguagens, as lutas

pela territorialidade, as lutas antirracistas, as imagens, os sons e as cores; as culinárias, as artes, as tecnologias sociais, as manifestações culturais, as sabedorias de curas por meio de plantas e ervas medicinais, os festejos e todos os repertórios de saberes ancestrais ou recriados que permeiam a vivências de tais comunidades (Castilho,2024).

Essas ações exigem destituir as normatividades colonialistas, racistas, classistas, urbano cêtricas em termos mais abrangentes, e questionar as eurocentridades dos discursos livrescos, das políticas educacionais universalizantes. As quais historicamente têm borrado, falseado, apagado os outros saberes, como denunciam os autores/as decoloniais, especificamente do Grupo Modernidade/Colonialidade (Quijano, 2010; Maldonado-Torres, 2010; Walsh, 2012; Grosfoguel, 2008).

Incluir e tencionar outras geopolíticas da produção de conhecimento, desconstruir a ideia de treinamento de novas mentes epistemicamente obedientes, e questionar o controle sobre qual conhecimento é permitido ou proibido, valorizado ou desvalorizado, celebrado ou questionado, apagado ou em evidência, legitimado ou deslegitimado (Mignolo, 2021; Castilho, 2024), é nossa máxima intenção.

Nos propomos, neste artigo, analisar os resultados dessas nossas interlocuções coletivas: GEPEQ e comunidades escolares quilombolas. Analisar e refletir sobre o alcance de nossas ações, propulsoras de currículo decoloniais, as quais podem ser identificadas nas elaborações intelectuais e pedagógicas expressas nos resumos dos relatos de experiências de docentes quilombolas.

Quilombos contemporâneos e educação

O historiador (Moura, 1988) em suas pesquisas, disserta sobre a existência de quilombos e quilombolas no Brasil desde o século XVI. Conforme o autor, logo que a escravidão foi instalada no Brasil, as pessoas escravizadas iniciaram suas lutas agonísticas pela liberdade, e por uma sociedade alternativa onde recuperassem suas humanidades. Foram os primeiros movimentos anticoloniais a se organizarem em resistência ao regime escravista, como uma resposta contundente contra tal regime. Tanto no Brasil, como em outras partes da América, onde o sistema escravocrata se estabeleceu, os quilombos proliferaram em francas manifestações de protesto contra as condições desumanas e alienantes impostas a eles/elas.

As reações escravas foram contundentes e de uma bravura impensável pelo regime escravocrata, em sua prepotência e violência quase absoluta. As ações de contraposição ao sistema variam em diversos graus, provocando uma constelação de desajustes na economia escravista. “... iam desde os suicídios, fugas individuais ou coletivas, até à formação de quilombos, às

guerrilhas, às insurreições citadinas e as suas participações em movimentos sociais organizados por outras classes e camadas sociais” (Moura, 1988, p.33).

Prossegue o autor acima citado argumentando que o povo escravizado se estabeleceu como uma força dinâmica e ativa do processo libertário, histórico nacional, por essa razão não faz sentido, “a centralidade da Princesa Izabel, do Parlamento, do Exército ou de modificações radicais no pensamento das elites, como libertadoras das pessoas escravizadas. As raízes são bem mais profundas. Pode-se considerar que os primeiros movimentos libertários e anticoloniais encetados no Brasil, foram protagonizados pela população escravizada e ou liberta, e permanecem em curso.

No entanto, as literaturas acadêmicas em seus diversos campos de conhecimento, assim como os poderes políticos públicos continuaram silenciando a heroica história dessa população. Bem como, após o fim do regime escravista formal, relegaram tal população ao abandono e ao esquecimento. No entanto, isso não significa que não continuaram no combate. Lutas negras continuaram em movimento, assumindo várias frentes, como por exemplo, as rebeliões dos negros no Brasil foram formas concretas de resistência à escravidão e à opressão racial, expressando a consciência de classe e de liberdade dos oprimidos (Moura, 1988, p. 25).

Um exemplo descrito por Moura (1988) foi a Revolta dos Malês, escravos e libertos muçulmanos, que se organizaram em Salvador em 1835, buscando não apenas a liberdade, mas a afirmação de sua cultura e fé diante da violência colonial. Ou ainda, a Revolta da Chibata, como sendo uma, continuidade histórica das lutas do negro brasileiro contra os castigos físicos e a humilhação, mesmo após a abolição formal da escravidão na Marinha brasileira (Moura, 1988, p. 198).

Contemporaneamente, a partir de 1988, conseguiram fazer ouvir suas vozes e assegurar pelo artigo 68 do Ato dos Dispositivos Constitucionais Transitórios Federal de 1988, garantia de propriedade de seus territórios ancestrais ou recriados, além de outros direitos. No entanto, os quilombos contemporâneos enfrentam uma série de desafios, desde a luta pela posse definitiva da terra até questões relacionadas à educação, saúde, alimentação, segurança e emprego.

Entretanto, continuam produzindo saberes, vivenciando suas ricas culturas, alegrando com suas produções culturais, provendo a vida com suas sabedorias e se reafirmam como espaços de resistência diante de conflitos com as agências econômicas e governamentais, e negação de seus direitos e, principalmente, a legalização dos territórios que ocupam. Mas, também ao não reconhecimento de seus conhecimentos e de suas epistemologias

Em termos educacionais, temos como marco importante a promulgação da Lei 10.639/03, o qual exige a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática sobre História e Cultura Afro-brasileira, reforça a importância do reconhecimento e da valorização da

historiografia de negros e negras e, portanto, das comunidades quilombolas no contexto educacional.

No âmbito da Educação Escolar Quilombola, conquistas como o Parecer CNE/CEB 16/2012, da Resolução 08/2012, são vistas como umas das mais importantes, pois, definiram as Diretrizes Nacionais para a Educação Quilombola, orientando a implementação nos sistemas de ensino, as especificidades culturais desses povos. Essas políticas se comprometem com o respeito e o reconhecimento da história e cultura afro-brasileira, colocados como parte estruturante da identidade das comunidades quilombolas, cabendo às escolas se adaptarem à realidade das comunidades quilombolas, que atendem.

Castilho (2019) destaca que a educação escolar tem sido apresentado como um importante alternativa importante para consolidação identitária desses povos, como espaço onde a reelaboração possa acontecer, onde as histórias apagadas podem ser reescritas; onde a autoimagem quebrada pelo racismo pode ser reconstruída; onde o autoconceito pode ser reerguido, a autoconfiança reconquistada, onde os saberes e produção de sentido elaborado pela comunidade pode ser reconhecido e onde os valores ancestrais podem ser celebrados.

O GEPEQ/UFMT tem buscado contribuir com a formação de docentes atuantes nas escolas quilombolas, de forma que os instrumentalize de argumentos teóricos e ferramentas didáticas para essa abrangente e complexa tarefa. Assim, desde 2018, o grupo organiza também o Encontro de Educação Escolar Quilombola em parceria com as Escolas Estaduais Quilombolas do Estado, em forma de culminância dos resultados dessa formação, para trocas de experiências pedagógicas exitosas. O evento proporciona também interação entre escolas, comunidades e educadores quilombolas, bem como diálogo entre estudantes, pesquisadores e movimentos sociais. Experiência que este artigo irá relatar, em parte.

Lentes teóricas de suporte descritiva e analítica

O pensamento decolonial constitui um referencial epistemológico que nos permite, dentre outros, compreender e problematizar por exemplo, a Educação Quilombola. Segundo (Quijano, 2009), a colonialidade do poder, do saber e do ser estruturou uma hierarquia social e cognitiva que legitima o conhecimento ocidental em detrimento de outras epistemologias. A partir dessa perspectiva, o conhecimento produzido nos territórios quilombolas, historicamente foi marginalizado ou apagado, e em alguns casos criminalizado, como é o caso dos conhecimentos e práticas relativas à capoeira, por exemplo.

Walsh (2019) destaca que pensar a decolonialidade na educação significa reconstruir narrativas outras, que considere os modos de dizer e ensinar, reconhecendo e incorporando os

saberes locais, as memórias e as culturas que historicamente foram colocadas à margem. Nessa mesma direção, Grosfoguel (2009) chama atenção para a importância de criar relações de diálogo horizontal entre diferentes epistemologias, de modo a fortalecer práticas educativas que respeitem a diversidade cultural e garantam o protagonismo das próprias comunidades.

Nesse sentido, (Mignolo, 2008) e (Maldonado-Torres, 2022) ampliam essa compreensão, apontando para o “Giro decolonial”, que para além de uma crítica conceitual, propõe a desobediência epistêmica, ou seja, a construção de saberes pluriversais destituindo o monopólio do conhecimento universalista, eurocêntrico.

A educação escolar quilombola, pode portanto, romper com o monopólio do conhecimento universalista, eurocêntrico, a partir também do que é instituído na Resolução CNE/CEB nº 08/2012 e no Parecer CNE/CEB nº 16/2012, (fruto das reivindicações dos povos quilombolas) com possibilidade efetiva no processo de reconhecimento cultural e territorial, pois, trata-se, de uma proposta educativa que busca respeitar e fortalecer as especificidades históricas, culturais e sociais desses povos, valorizando seus saberes-fazeres, suas tecnologias sociais e suas formas coletivas de organização (Brasil, 2012). Que, diga-se de passagem, é o oposto do pensamento eurocêntrico, recorrente.

Castilho (2019, 2024) compreende a pedagogia quilombola como uma pedagogia da (re)existência, voltada à reafirmação de identidades que foram historicamente silenciadas pela colonização e pelo racismo. Nessa perspectiva, o processo educativo integra a memória coletiva, as práticas culturais e o conhecimento ancestral ao currículo escolar, de maneira crítica e profundamente vinculada às realidades e modos de vida das comunidades quilombolas.

Nesse sentido, (Moura, 1988) evidencia que os quilombos foram, desde o período escravocrata, espaços de resistência e construção de formas alternativas de vida, sendo protagonistas de lutas libertárias e de preservação cultural. No contexto contemporâneo, essas comunidades continuam a enfrentar desafios relacionados à posse da terra, políticas públicas, educação e valorização dos saberes locais, ao mesmo tempo em que produzem conhecimento e fortalecem práticas culturais e pedagógicas próprias.

Nesse contexto, o GEPEQ/UFMT atua como mediador na construção de um campo educativo de diálogo entre universidade e territórios quilombolas e comunidade escolar, promovendo cursos de extensão e encontros que incentivam a reflexão crítica sobre os currículos, práticas pedagógicas e políticas públicas. Conforme Castilho (2024), essa articulação é essencial para fortalecer o protagonismo docente quilombola, consolidar as práticas pedagógicas diferenciadas e garantir a implementação de políticas educacionais que respeitem a diversidade cultural e histórica.

Castilho (2019) destaca que a educação escolar tem sido apresentada como uma importante alternativa importante para consolidação identitária desses povos, espaço onde a reelaboração possa acontecer, onde as histórias apagadas podem ser reescritas; onde a autoimagem quebrada pelo racismo pode ser reconstruída; onde o autoconceito pode ser reerguido, a autoconfiança reconquistada, onde os saberes e produção de sentido elaborado pela comunidade pode ser reconhecido e onde os valores ancestrais podem ser celebrados.

O referencial teórico deste estudo evidencia que a Educação Quilombola e as práticas decoloniais compartilham um propósito comum: diminuir o peso e a força da colonialidade do saber e da educação, valorizando os conhecimentos ancestrais e pluriversais dos territórios quilombolas.

As epistemologias decoloniais fornecem o arcabouço conceitual necessário para compreender como a universidade pode contribuir para a formação docente e a implementação de currículos contextualizados, críticos e emancipatórios. O quadro teórico orienta a análise dos resultados e discussões, permitindo identificar como as ações extensionistas do GEPEQ/UFMT impactam/impactam a prática pedagógica e a consolidação desse percurso no decorrer dos três anos analisados.

É importante ressaltar que, o GEPEQ/UFMT tem buscado contribuir com a formação de docentes atuantes nas escolas quilombolas, de forma que os instrumentalize de argumentos teóricos e ferramentas didáticas para essa abrangente e complexa tarefa. Assim, desde 2018, o grupo organiza também o Encontro de Educação Escolar Quilombola em parceria com as Escolas Estaduais Quilombolas do Estado, em forma de culminância dos resultados dessa formação, para trocas de experiências pedagógicas exitosas. O evento proporciona também interação entre escolas, comunidades e educadores quilombolas, bem como diálogo entre estudantes, pesquisadores e movimentos sociais. Experiência que este artigo irá relatar, em parte.

Educação Escolar Quilombola em Mato Grosso

Uma das principais demandas nos quilombos contemporâneos é o acesso a uma educação de qualidade, que atenda às especificidades de seus contextos culturais. Diante dessas reivindicações, foi implementada em 2010 as Orientações Curriculares da Educação Escolar Quilombola em Mato Grosso. Esta matriz, aplicada tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, inclui uma Base Comum e uma Parte Diversificada. Na Parte Diversificada, o componente de Ciências e Saberes Quilombolas abarca disciplinas como: Práticas em Cultura e Artesanato Quilombola, Práticas em Técnica Agrícola e Quilombola, e Práticas em Tecnologia Social.

Entretanto, pesquisas recentes indicam que persistem demandas, especialmente entre os profissionais que atuam nas escolas quilombolas, como gestores e professores, os quais vivenciam diariamente as particularidades da comunidade escolar e sua interação com a comunidade quilombola.

França e Castilho (2019), por exemplo, propuseram uma reflexão sobre a Educação Escolar Quilombola ao observarem aulas ministradas por uma professora na disciplina “Práticas em Cultura e Artesanato Quilombola”. Os resultados apontaram para a predominância de saberes práticos, mas ressaltaram a necessidade de materiais pedagógicos específicos para a disciplina, destacando a escassez de investimentos nas escolas para aquisição desses recursos.

Em um contexto diferente, mas igualmente relevante, (Costa, 2021) abordou suas experiências como coordenadora pedagógica em uma escola quilombola de Mato Grosso, durante o período pandêmico. A autora aborda as dificuldades enfrentadas naquele momento, devido ao que atribuiu como falta de investimentos na educação, refletindo na ausência de suporte adequado aos alunos carentes da escola, que ficaram sem acesso a condições necessárias para o ensino remoto exigido naquele momento.

Além disso, (Silva, 2021) abordou as dificuldades enfrentadas pelos profissionais que atuam nessas escolas, especialmente devido à falta de políticas públicas que priorizem a contratação de professores locais para lecionar nas escolas quilombolas, o que tem levado ao desemprego e ao abandono da profissão.

De maneira geral, essas pesquisas destacam a necessidade de atenção por parte do poder público em relação à Educação Escolar Quilombola em Mato Grosso. Ela se configura como um espaço de luta, reivindicações e aprendizado, imerso em contextos e territorialidades específicas, com o objetivo de proporcionar uma educação alinhada com o território e as exigências curriculares.

Percurso metodológico

O artigo possui como metodologia a Revisão Sistemática Integrativa, Botelho, Cunha e Macedo (2011). Os documentos analisados foram os Anais do II, III e IV Encontro de Educação Quilombola, promovidos pelo (GEPEQ/UFMT) em 2019, 2021 e 2022.

Consideramos os procedimentos metodológicos da Revisão Sistemática Integrativa proposta por Botelho, Cunha e Macedo (2011). Nesse tipo de trabalho, busca-se, construir uma análise sobre o conhecimento desenvolvido em pesquisas anteriores sobre determinado tema, possibilitando dessa forma uma síntese e a análise de vários estudos, permitindo assim a geração

de novos conhecimentos

A construção do artigo partiu do nosso objetivo em apresentar os resultados de uma revisão sistemática o qual temos como objeto as análises dos Anais dos II, III e IV Encontros de Educação Quilombola, apontando possíveis avanços da pedagogia quilombola diferenciada, por meio das experiências relatadas nos resumos; e evidenciar o alcance das ações dos cursos de extensão universitária que o GEPEQ oferece/ofereceu, nestas escolas, nos anos de 2019, 2021 e 2022.

Nesse sentido, seguimos a lógica da revisão sistemática apresentada por Botelho, Cunha e Macedo (2011), que recomendam oito etapas, sendo: a primeira, elaboração da pergunta norteadora; a segunda, a busca ou amostragem da literatura; a terceira, seleção dos resumos; quarta, extração dos dados; quinta, avaliação da qualidade metodológica; sexta, síntese dos dados; sétima, avaliação da qualidade das evidências; e oitava, a redação e publicação dos resultados.

Este trabalho teve como propósito mapear e analisar os resumos dos relatos de experiências apresentados nos eventos, de modo a identificar o avanço nas participações em cada ano do evento, as principais temáticas expressas nas palavras-chave e os possíveis avanços e desafios no campo da Educação Escolar Quilombola.

Compreendemos, de acordo com (Fujita, 2004), que a palavra-chave é uma representação do conteúdo significativo do texto, bem como também é utilizada para representar uma necessidade de informação na estratégia de busca. A autora discorre ainda que, a palavra-chave pode ser indicada por meio do conteúdo do texto ou escolhida em vocabulários livres e/ou controlados. Isso nos permite afirmar que as palavras-chave de certa forma também resumem o tema principal do resumo.

O corpus da pesquisa foi constituído pelos resumos publicados nos Anais dos referidos Encontros, totalizando um conjunto de produções docentes provenientes de escolas quilombolas do estado de Mato Grosso e outras instituições identificadas na tabela 01. Como critérios de inclusão, foram considerados apenas os trabalhos que: 1 - apresentavam relatos de experiências pedagógicas desenvolvidas em contextos quilombolas; 2 - explicitam práticas ou reflexões alinhadas à pedagogia decolonial; 3 - estavam vinculados às ações formativas do GEPEQ/UFMT.

Diante disso, foram excluídos os resumos que não apresentavam vínculo com a Educação Quilombola, que tratavam de temáticas genéricas da educação básica ou que não evidenciavam práticas docentes relativas ao nosso propósito.

Após a seleção do material, realizou-se a análise dos textos contidos nos resumos, articuladas teoricamente com os referenciais da educação como Freire (2003), educação decolonial (Quijano, 2009; Walsh, 2019; Mignolo, 2008) e da pedagogia quilombola (Castilho, 2019; 2024).

As discussões da análise emergiram a partir das expressivas repetições das palavras-chave

encontradas nos resumos dos três eventos, considerando as convergências entre os relatos e os princípios da pedagogia quilombola diferenciada, entre elas: 1 - Educação; 2 - etnosaberes; 3 - identidades, dentre outras.

Resultados e saberes em diálogo

Análise dos Anais dos II, III e IV Encontros de Educação Quilombola (2019, 2021 e 2022).

Quadro 01 - Quantidade de trabalhos apresentados nos GT's pelos participantes dos Encontros da Educação Escolar Quilombola em 2019 a 2022.

Encontro →	II Encontro 2019		III Encontro 2021	IV Encontro 2022
Tipo de trabalho submetido →	Comunicação Oral	Relato de Experiência	Resumo Simples	Resumo Simples
Quantidade de Trabalhos por Grupo de Trabalho (GT's)				
GT – 1	2	4	12	14
GT – 2	-	2	7	8
GT – 3 e GT – 4	-	4	5	GT – 3 = 9
				GT – 4 = 4
GT – 5	1	1	6	5
GT – 6	1	2	5	5
GT – 7	-	-	19	26
Resumo sem identificação de GT	1	1	-	-
Quantidade de Trabalhos por Instituição				
IFMT/UNIC	1	-	-	-
PPGE/UFMT	1	1	-	-
GEPEQ/PPGE/UFMT/E.E.Q. Tereza Conceição Arruda/MT	3	13	-	-
E.E.Q. Tereza Conceição Arruda/MT	-	-	10	25
UFOP	-	-	1	-
E. E. Dom Aquino de Francisco Corrêa/MT	-	-	1	5
Vale do Guaporé/RO	-	-	1	-
E. Q. Antônia do Socorro Silva Machado/PB	-	-	1	-
GEPEQ/UFMT	-	-	4	11
E. E. Q. Maria de Arruda Müller/MT	-	-	4	9
E. E. Q. José Mariano Bento/MT	-	-	15	13
E. E. Q. Reunidas de Cachoeira Rica/MT	-	-	-	1
E. M. N. S. Aparecida do Chumbo/MT	-	-	3	4
Quilombo Monte Recôncavo/BA	-	-	1	-
Quilombo Lagoa Torta dos Pretos/BA	-	-	1	-
Quilombo Cariacá e Lajedo/BA	-	-	1	-
Quilombo do Vale Ribeira/SP	-	-	2	-
C. E. Q. Diogo Ramos/PR	-	-	1	-

UNEMAT	-	-	2	-
E.E.L Nêmesis Gaiva Silva – Entrada do Bananal	-	-	-	1
Instituição não identificada no resumo	-	-	6	-

Fonte: Elaborado pelos autores.

Análise dos Anais dos II, III e IV Encontros de Educação Quilombola (2019, 2021 e 2022) nos permitiu identificar um conjunto expressivo de trabalhos submetidos aos eventos, tendo uma expressiva progressão nas submissões de 2019, momento em que dá início as produções desses documentos (Anais) e que também marca de certa forma o início dos encontros, embora este já estivesse em sua segunda edição, estava concentrado basicamente na Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda. A partir do segundo Encontro, o evento ganha uma dimensão maior, com novas parcerias, refletindo essa expansão no número de trabalhos submetidos, como pode ser observado na tabela 01.

Em 2022 o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Quilombola (GEPEQ) publicou em um único volume, os “*Anais Encontro de Educação Escolar Quilombola 2019 – 2021*”, cujo dados estão apresentados na tabela 01. O documento apresenta trabalhos aprovados no II Encontro de Educação Escolar Quilombola, que teve como tema “Etnosaberes e as novas perspectivas para formação dos docentes quilombolas – 2019”, e os trabalhos aprovados no III Encontro de Educação Escolar Quilombola, que teve o tema, “Perspectivas e desafios de ensino/aprendizagem nas escolas quilombolas em tempos de pandemia – 2021”.

O II Encontro, foi realizado nos dias 29, 30 e 31 de agosto de 2019, na Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda (E.E.Q.T.C.A), localizada na zona rural, no território quilombola de Mata Cavalo em Nossa Senhora do Livramento/MT. Nesse Encontro, os diálogos foram estabelecidos em seis Grupos de Trabalho (GT's), distribuídos nas seguintes temáticas: GT 1 – Ciências e saberes quilombola; GT 2 – Etnolinguagens e suas tecnologias; GT 3 - Etnociências junto ao GT 4 – Etnomatemática; GT 5 - Etnociências sociais e humanas e suas tecnologias e GT 6 – Entnoalfabetização. Esses Grupos de Trabalhos foram divididos em duas modalidades, comunicação oral e relato de experiência, a escrita dos textos das duas modalidades foi no formato de resumo expandido.

De acordo com a tabela 01, no II Encontro foram inscritos 19 trabalhos, destes, 5 foram na modalidade comunicação oral e 14 no modelo de relato de experiência. É importante ressaltar, que de acordo com os trabalhos inscritos no evento, houve a participação dos/das profissionais da escola anfitriã, bem como de outras instituições, tais como: Universidade de Cuiabá (UNIC), Instituto Federal de Educação de Mato Grosso (IFMT), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), com ampla representação do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Quilombola.

Outro fato importante encontrado nos Anais do II Encontro, é que a maioria dos resumos submetidos pela E.E.Q Tereza Conceição Arruda, contavam com a participação de um integrante do GEPEQ, fato que não mais ocorreu nos resumos dos outros eventos, demonstrando que a Escola adquiriu autonomia nas submissões dos anos seguintes.

O III Encontro de Educação Escolar Quilombola foi realizado nos dias 09, 10 e 11 de novembro de 2021, como evento paralelo da programação do Seminário de Educação da Universidade de Federal de Mato Grosso – SEMIEDU/UFMT. Neste ano, as atividades foram totalmente virtuais, por meio de plataformas e ferramentas digitais, em razão das orientações epidemiológicas da Pandemia da COVID – 19. Mantiveram-se, os mesmos GT's do II Encontro, porém, a comissão organizadora elencou como de suma importância, um espaço para discutir as Políticas para Educação Quilombola e os desafios enfrentados no contexto da Pandemia de COVID – 19 no Brasil, então criou-se, dessa forma o GT – 7.

Em 2021, os participantes tiveram a oportunidade de se inscreverem apenas na modalidade relato de experiência, com a submissão de resumo simples. Nesse contexto, foram inscritos 56 trabalhos, sendo que os GT com maior número de inscritos foi justamente o GT – 7, com 19 resumos. A Escola Estadual Quilombola José Mariano Bento, que não havia participado com a submissão de trabalhos no ano de 2019, em 2021 inscreveu através de seus profissionais, 15 resumos, sendo o maior número de relatos de experiências inscrito no evento, demonstrando o interesse do corpo docente, nas suas mais diversas áreas em dialogar sobre suas experiências educacionais.

A tabela 01, também nos permite observar, que o evento contou com a participação de instituições de ensino do Estado de Mato Grosso e de outros Estados brasileiros. A Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida do Chumbo e a Escola Dom Francisco de Aquino Corrêa, ambas de Poconé/MT, mesmo de forma tímida, também apresentaram seus relatos de experiência. É válido lembrar que, essas duas escolas não são escolas quilombolas com currículo específico, no entanto, elas atendem uma grande quantidade de estudantes quilombolas.

Em 2021, o III Encontro de Educação Escolar Quilombola, apresentou um todo complexo, que representa em certa medida, as Escolas Estaduais Quilombolas de Mato Grosso, com seus avanços e os muitos desafios, sobretudo durante o período da pandemia do COVID – 19, além de destacar a importância de políticas públicas que respeitem os etnosaberes dos territórios onde as mesmas estão inseridas, proporcionando a possibilidade de debate entre professores de outros Estados brasileiros, permitindo maior visibilidade das culturas quilombolas, da luta por um currículo escolar quilombola com a possibilidade de uma reescrita positiva das histórias dessas territorialidades e de seu povo.

Nos “*Anais do IV Encontro de Educação Quilombola: dez anos de publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Escolar Quilombola*”. Registrou-se, 71 resumos, divididos nos sete grupos de trabalho (GT’s), os mesmos que já haviam no evento anterior. E como já era esperado, cada grupo abordou diferentes aspectos pedagógicos da Educação Escolar Quilombola.

A tabela 01, nos permite visualizar o significativo aumento dos resumos submetidos em cada Grupos de Trabalhos, evidenciando que o GT 7 – Políticas públicas para os povos quilombolas foi o que recebeu o maior número de trabalho. Também nos permite perceber que nesse evento os GT’s - 3 e GT - 4 passaram a receber trabalhos de forma separada, sendo que o GT – 4 obteve o menor número de submissões. Porém se somássemos os dois GT’s como nos anos anteriores, teríamos um número bastante expressivo demonstrando que houve um maior interesse em discutir as temáticas propostas da etnociência e da matemática.

É importante ressaltar ainda que, a tabela 01, apresenta o número de trabalhos submetidos por cada unidade de ensino, evidenciando uma disparidade significativa nas submissões, especialmente entre as escolas quilombolas do Estado de Mato Grosso, por exemplo, enquanto a Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda submeteu 25 resumos, a Escola Estadual Quilombola Reunidas de Cachoeira Rica enviou apenas 01, e a Escola Estadual Quilombola Verena Leite de Brito não submeteu nenhum resumo neste evento.

Essas diferenças no quantitativo de submissões por escola, nos leva a questionamentos: Por que há uma diferença tão marcante nas submissões de resumos entre as unidades de ensino? Será que as escolas que não enviaram ou enviaram apenas um resumo enfrentam dificuldades na compreensão das temáticas do evento? Ou será que não têm experiências relevantes para relatar? Ou ainda, será que os professores não demonstraram interesse na temática? Respostas a essas questões e outras similares exigiria uma pesquisa detalhada em cada unidade de ensino para compreendermos melhor a realidade e suas particularidades. Além disso, a tabela 01, evidencia que o “Encontro Escolar Quilombola” está gradativamente ganhando reconhecimento nacional, conforme demonstrado pela submissão de resumos originários de outros Estados, ainda que de forma discreta.

Ao observarmos a evolução nas submissões de trabalhos considerando os temas sugeridos em cada GT, vemos que o GT 1 – Ciências e saberes quilombola, partiu em 2019 com 6 trabalhos submetidos, chegando em 2021 com 12 e no IV Encontro chegou a 14 trabalhos submetidos. Isso nos permite afirmar, talvez, que a inserção do GEPEQ, através da realização de pesquisas e a parceria com as escolas na realização dos projetos de extensão para a formação continuada de professores/as quilombolas, na perspectiva de valorização dos etnossaberes locais, podem ter

contribuído para com esse maior interesse pela temática e a participação no evento.

Nesse sentido, o GT 7 – Políticas públicas para os povos quilombolas, também merece destaque. Desde sua idealização em 2021 no contexto da Pandemia da COVID-19, o grupo de trabalho já contou com uma expressiva quantidade de trabalhos, 19 em 2021 e 26 em 2022.

Em 2022, no IV Encontro, identificamos através dos trabalhos, 108 autores/as, desconsiderando os nomes repetidos. Considerando a maneira cultural, de heteroidentificação, pautadas na díade masculino/feminino, ainda corrente, de associar certos nomes a um determinado gênero, temos que desse total, 80 são do sexo feminino e 28 do sexo masculino. Esses dados, quando verificados presencialmente, durante os cursos de formação, nos permite afirmar que a maioria dos profissionais atuantes em escolas quilombolas são mulheres.

Um achado importante nos resumos diz respeito às palavras-chave, que de acordo com Fujita (2004), é intrínseco ao conteúdo de um texto, da mesma forma como se pudéssemos encapsular todo o conteúdo de um texto em uma palavra-chave. Nesse contexto, as palavras-chaves são importantes, pois, podem representar o conteúdo de um texto de forma resumida em uma única palavra que podem expressar o tema, os conceitos, dentre outros, trazidos no corpo do resumo.

Nesse sentido, a tabela 02, apresenta o contexto geral das palavras-chave encontradas nos resumos.

Quadro 02 – Palavras – chave que mais se repetiram nos resumos dos Encontros da Educação Escolar Quilombola de 2019 a 2022.

Ano	Palavras-chave	Repetições
2019	Educação	10
	Etnosaberes / etnosaberes	08
	Quilombola / Quilombolas	07
	Ensino	05
2021	Educação	55
	Quilombola / Quilombo / Comunidades Quilombolas	42
	Escolar / Escolar Quilombola / Educação Escolar Quilombola	35
	Etnosaberes / Etnoalfabetização	15
	Pandemia / Covid-19 / Covid / Corona vírus	09
	Identidade / Identidade Negra / Identidade Étnico-Racial	09
	Ensino	07
2022	Educação	52
	Quilombola / Quilombolas	46
	Etnosaberes / Etnosaberes	28
	Identidade	10

Fonte: Elaborado pelos autores.

Através da tabela 02, podemos observar que, ao longo do período analisado, houve uma ampliação significativa do número de ocorrências de temas relacionados à Educação, Quilombola

e Etnosaberes, demonstrando não apenas a continuidade, mas também o fortalecimento das discussões em torno da identidade, da ancestralidade e da descolonização dos saberes.

Nesse sentido, as discussões do II Encontro Escolar Quilombola, giraram em torno dos temas, Educação e etnosaberes quilombolas, indicando que os relatos de experiência buscaram uma articulação entre práticas educativas com os conhecimentos tradicionais dos territórios quilombolas, valorizando suas formas próprias de ensinar e aprender.

Através da leitura e análise dos resumos, foi possível notar que certos autores/as apresentam uma abordagem crítica acerca da ausência de condições adequadas para uma prática pedagógica contextualizada no ambiente escolar, em se tratando da Educação, em específico da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental das escolas quilombolas a partir dos pressupostos dos etnosaberes, como podemos verificar na reflexão de Castilho e França (2019):

... Objetiva refletir possibilidades que subsidiem a prática pedagógica do/a professor/a da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental das escolas quilombolas a partir dos pressupostos dos etnosaberes. [...] Resultados preliminares apontam que a ausência de material pedagógico específico e a ausência de formação inicial e continuada corroboram a construção de propostas pedagógicas descontextualizadas (Castilho e França, 2019, p. 102).

É importante destacar, que as autoras revelam que, a falta de materiais pedagógicos e a ausência de formação inicial e continuada para docentes, contribui para com práticas pedagógicas descontextualizadas, muitas vezes, distantes dos etnosaberes do território e da realidade cultural dos mesmos, o que reforça a necessidade de políticas de formação continuada para esses profissionais e de valorização dos etnosaberes do território no ensino escolar.

Nesse sentido, podemos perceber que, baseado em (Quijano, 2009), como a colonialidade do poder, influencia a colonialidade do saber e do ser. Por exemplo, a falta de materiais pedagógicos e formação continuada são, ou deveria ser, políticas públicas ofertadas pelo Estado às unidades de ensino, no entanto a ausência ou a não aplicabilidade dessa política possui como consequência um ensino fragilizado, comprometendo o saber desses território, possibilitando um impacto no ser, enquanto ser social de direito, permitindo em certa medida, a continuidade de uma hierarquia social e cognitiva que legitima o conhecimento ocidental em detrimento de outras epistemologias.

Percebemos através da tabela 02, que em 2021, as discussões sobre educação se ampliaram significativamente, evidenciando um movimento de articulação entre currículo, identidade e etnosaberes, agora atravessado pelos desafios impostos pela pandemia da COVID-19, com o acréscimo do GT-7, incluído no evento com essa finalidade. Além disso, trouxe uma interlocução com temas como, Ensino, Identidade/Identidade Negra/Identidade Étnico-Racial, de forma também expressiva. De acordo com Souza, et al. (2021):

A pandemia causada pela Covid-19 tem acentuado as desigualdades sociais e tecnológicas em todo o País, trazendo à lembrança da sociedade dores que há tempos impactam os povos mais vulneráveis, como é o caso da população quilombola. É neste contexto que nasce a proposição desta pesquisa que tem como principal objetivo compreender os desafios que os/as estudantes e seus/as educadores/as estão enfrentando, em meio à pandemia da Covid-19, no chão das comunidades quilombolas do Estado de Mato Grosso ... resultados apontam para um resultado doloroso, mas já esperado: A longa duração da pandemia da Covid-19, aliada à ausência de políticas de proteção para os povos mais vulneráveis, acrescidas das negligências históricas, congregada à exclusão social e tecnológica vivenciada no seio das comunidades/escolas quilombolas, constitui-se como impedimento na aprendizagem dos estudantes. Ademais é importante destacar que, apesar de os/as docentes estarem enfrentando muitos desafios para atender aos/as estudantes, eles/as seguem resistindo e avançando em práticas pedagógicas que vislumbram uma educação decolonial e contra hegemônica que obtemperam ao racismo, à desigualdade social e tecnológica (Souza, et al. 2021 p. 66).

Através da citação observamos que a pandemia da Covid-19 intensificou desigualdades históricas e impôs novas demandas aos territórios quilombolas em todo o país, e em Mato Grosso, não foi diferente. Isso impactou a aprendizagem dos estudantes que muitas vezes não possuíam os aparelhos (celulares, computadores, acesso à internet) necessários para acompanhar as aulas, enquanto os docentes, apesar dos desafios, resistiam promovendo práticas pedagógicas decoloniais que valorizaram os saberes locais e combatem a exclusão social e o racismo.

Os desafios encontrados evidenciam a necessidade de compreender as particularidades e demandas específicas dos territórios quilombolas, assim como o papel fundamental desses/as profissionais da educação na promoção da equidade e valorização cultural. Compreendemos que a pandemia da COVID-19, impactou a todos de alguma forma, no entanto, devemos ressaltar que as dificuldades enfrentadas nos territórios quilombolas são seculares e se amplificaram nesse período.

Nesse sentido, (Oliveira e Castilho, 2021), apresentaram suas reflexões sobre a formação de professores que atuam nas escolas quilombolas, propondo tencionar os etnossaberes enquanto uma pedagogia decolonial e antirracista

... problemática da investigação se situa no contexto da Educação Escolar Quilombola e na compreensão dos etnosaberes enquanto uma propositura decolonial e de superação da colonialidade do ser, poder e saber que violentamente encobre as histórias, os fazeres, os dizeres e o protagonismo do povo quilombola. Para tanto, buscamos com este estudo compreender a potencialidade da formação de professores que atuam na Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida, numa perspectiva da etnoeducação física para pensar e organizar suas práticas pedagógicas voltadas aos estudantes da escola quilombola (Oliveira & Castilho, 2021 p. 30).

Percebemos na citação de (Oliveira e Castilho, 2021) uma investigação que traz uma concepção de educação quilombola comprometida com a superação da colonialidade do ser, do saber e do poder. As autoras enfatizam a formação de professores numa perspectiva de etnoeducação, defendendo a valorização dos etnosaberes como caminho para práticas pedagógicas mais autônomas, críticas e sintonizadas com a realidade e a história dos territórios quilombolas.

Vendo brotar, portanto o “Giro decolonial de (Mignolo, 2008) e (Maldonado-Torres, 2022) pois, propõem uma desobediência epistêmica, ou seja, a construção de saberes que rompem com o monopólio do conhecimento eurocêntrico, a partir dos conhecimentos dos próprios territórios.

Em 2022, observamos na tabela 02, a predominância do tema, educação contida nas palavras chave, de forma igualmente expressiva, demonstrando que as discussões permaneceram fortemente ancoradas na temática da Educação, durante os três eventos. Isso confirma, talvez, que a centralidade do debate pedagógico nos encontros analisados, sempre tiveram calcados em sua maior incidência, em Educação, Quilombola/Quilombolas, Identidades e nos Etnosaberes, permitindo-nos, perceber uma continuidade na valorização dos territórios quilombolas, também como espaços de produção de conhecimento e resistência cultural.

Nesse sentido, Silva *et al* (2022), destacaram a importância da valorização da cultura local e da integração dos conhecimentos tradicionais de suas comunidades com os conteúdos escolares, na busca por uma educação mais inclusiva.

Nossos alunos pesquisaram sobre a palmeira, mais a fundo na sua utilidade na comunidade escolar, onde puderam constatar sua historicidade desde os povos mais antigos da nossa região até os da atualidade, relataram na pesquisa feita em loco que costuma se dizer que tudo se aproveita desta palmeira, destaco as folhas para armações das casas e no período da seca serve como alimento para os animais, do caule da palmeira jovem (Silva *et al.*, 2022 p.44).

Os autores descrevem um projeto de pesquisa realizado por estudantes do ensino médio com o propósito de investigar o uso da palmeira babaçu no quilombo Abolição, localizado no município de Santo Antônio do Leverger-MT. A pesquisa foi conduzida na própria comunidade escolar, os estudantes entrevistaram os moradores para compreender como a palmeira era tradicionalmente aproveitada na comunidade. Os autores, ressaltaram a importância de integrar teoria e prática no ensino, destacando como essa abordagem pode enriquecer a compreensão dos estudantes e promover uma aprendizagem mais significativa para os mesmos.

Neste sentido, vemos uma aproximação com as perspectivas de (Freire, 2003), no contexto de uma educação que constrói junto com o outro, o conhecimento, que atribui significado às relações humanas.

Saber melhor significa precisamente ir além do senso comum a fim de começar a descobrir a razão de ser dos fatos ... começando de onde as pessoas estão, ir com elas além desses níveis de conhecimento sem transferir o conhecimento (Freire, 2003, p. 159).

Isso implica na necessidade de uma abordagem educacional que respeita o conhecimento prévio dos estudantes e os orienta a explorar novos níveis de entendimento sem transferir conhecimento de forma passiva, mas sim através de um processo ativo de descoberta e reflexão conjunta entre professores/as e estudantes.

Esses desafios evidenciam a importância de superar barreiras estruturais, promover a formação docente e formação continuada alinhada às necessidades específicas da modalidade específica quilombola, para que tenham condições de atuar assertivamente nesses espaços, combater o preconceito e valorizar a diversidade cultural para que possam garantir uma educação inclusiva, contextualizada e emancipatória nas escolas quilombolas.

Encaminhamentos finais

O presente trabalho apresentou os resultados de uma revisão sistemática dos Anais dos II, III e IV Encontros de Educação Quilombola, promovidos pelo GEPEQ/UFMT, articulando os princípios da pedagogia quilombola específica e das epistemologias decoloniais.

A análise evidenciou que houve um aumento progressivo na submissão de trabalhos de 2019 a 2022, tendo sempre como temas centrais nas discussões: Educação, Quilombola, Educação Escolar Quilombola, Etnosaberes, dentre outros.

Observamos ainda, que as práticas docentes relatadas nos eventos fortalecem o protagonismo dos educadores/as quilombolas, possibilitando a valorização dos saberes ancestrais de seus territórios, a descolonização curricular e o estabelecimento de diálogos interculturais entre os territórios, as comunidades escolares e a universidade.

Os resultados demonstram que a Educação Escolar Quilombola, quando apoiada por ações extensionistas articuladas, por exemplo, e contextualizadas com os saberes locais, torna-se um instrumento de resistência cultural e produção de conhecimento plural, contribuindo para a continuidade dos elementos identitários dos territórios fortalecendo práticas pedagógicas inovadoras. Esse processo está em consonância com os princípios decoloniais de Quijano (2009), Mignolo (2008), Walsh (2019), Grosfoguel (2009), e Castilho (2024), que defendem a valorização de epistemologias marginalizadas como alternativa a colonialidade do saber, do ser e do poder.

Além disso, a análise evidencia que a formação continuada de professores, oferecida pelo GEPEQ/UFMT através dos cursos de extensão, tendo como culminância os encontros escolares quilombolas, tem sido importante na construção e consolidação de currículos decoloniais, possibilitando que os/as docentes quilombolas desenvolvam práticas pedagógicas críticas, contextualizadas e culturalmente afirmativas em suas comunidades escolares, fortalecendo não apenas as práticas pedagógicas, mas possibilitando o diálogo com outras escolas, instituições, pesquisadores e grupos de movimentos sociais interessados na temática.

Diante disso, a revisão sistemática dos anais demonstra que os Encontros têm funcionado como espaços de socialização de saberes, resistência epistêmica e reivindicação política. A

recorrência dos termos apresentados na tabela 02, sugere o interesse e o compromisso dos/as profissionais da educação escolar quilombola com uma pedagogia quilombola emancipatória, capaz de tensionar a colonialidade do saber e propor caminhos para uma educação antirracista, territorializada e culturalmente contextualizada.

Por fim, este trabalho contribui para a expansão do conhecimento sobre pedagogias decoloniais, Educação Quilombola, ações extensionistas dialógicas, dentre outras, ressaltando que tais práticas são essenciais para a construção de uma educação significativa para os povos quilombolas. Nesse sentido, pesquisas futuras podem aprofundar a análise longitudinal dos impactos dessas práticas nas escolas e territórios quilombolas, bem como investigar as formas de intercâmbio entre saberes acadêmicos e etnosaberes em outras regiões do país, ampliando o debate sobre descolonização curricular em contextos outros.

Referências

Anais. (2019, 2021). *Encontro de Educação Escolar Quilombola 2019–2021* (Vol. 1). Cuiabá, MT. <https://gepequfmt.blogspot.com/p/anais-de-eventos.html>.

Anais. (2022). *IV Encontro de Educação Escolar Quilombola: Dez anos de publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola, 21 a 23 de setembro de 2022*. Cuiabá, MT. <https://gepequfmt.blogspot.com/p/anais-de-eventos.html>.

Botelho, L. L. R., Cunha, C. C. de A., & Macedo, M. (2011). O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade*, 5(11), 121–136. <https://doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220>.

Brasil. (2003). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

Brasil. (2012). *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, 2012*. Brasília, DF: Ministério da Educação. http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes_curric_educ_quilombola.pdf.

Brasil. (2003). *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Brasília, DF. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm.

Brasil. (2012). *Parecer CNE/CEB nº 16, de 5 de junho de 2012: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica*. Brasília, DF https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes_curric_educ_quilombola.pdf.

Castilho, S. D., & França, M. C. (2019). Etnoalfabetização: possibilidades para a educação infantil e anos iniciais no contexto da educação escolar quilombola em Mato Grosso. In *Anais – Encontro de Educação Escolar Quilombola 2019–2021* (Vol. 1). Cuiabá, MT. <https://gepequfmt.blogspot.com/p/anais-de-eventos.html>.

Castilho, S. D. (2024). *Formação continuada de professores em Ciências: Saberes Quilombolas* [Programa de extensão]. Grupo de Pesquisa em Educação Quilombola. <https://siex.ufmt.br/Comum/Projeto/Detalhes?projetoUID=12701>.

Freire, P., & Horton, M. (2003). *O caminho se faz caminhando: Conversas sobre educação e mudança social* (4ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Fujita, M. S. L. (2004). A representação documentária de artigos científicos em educação especial: Orientação aos autores para determinação de palavras-chave. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 10(3), 257–272. <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbee/v10n03/v10n03a02.pdf>.

Grosfoguel, R. (2009). Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais. In B. de S. Santos & M. P. Meneses (Orgs.), *Epistemologias do Sul* (s./p). S./E.

Grosfoguel, R. (2008). Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, [páginas]. <http://journals.openedition.org/rccs/697>.

Maldonado-Torres, N. (2022). *Sobre a colonialidade do ser: Contribuições para o desenvolvimento de um conceito*. Rio de Janeiro: Via Verita; [s.n.].

Mignolo, W. (2008). Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, 287–332. [S.l.].

Moura, C. (1988). *Rebeliões da senzala* (4ª ed.). Porto Alegre: Mercado Aberto.

Oliveira, B. M., & Castilho, S. D. (2021). Educação escolar quilombola e etnoeducação física: Olhares para formação de professores. In *Anais – Encontro de Educação Escolar Quilombola 2019–2021* (Vol. 1). Cuiabá, MT. <https://gepequfmont.blogspot.com/p/anais-de-eventos.html>.

Quijano, A. (2009). Colonialidade do poder e classificação social. In B. de S. Santos & M. P. Meneses (Orgs.), *Epistemologias do Sul* (pp. s.p). [S.l.]: [s.n.].

Silva, D. S., et al. (2022). Etnossaberes ciências da natureza e matemática: O aproveitamento do babaçu na comunidade de abolição. In *Anais – IV Encontro de Educação Escolar Quilombola: Dez anos de publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola, 21 a 23 de setembro de 2022*. Cuiabá, MT. <https://gepequfmont.blogspot.com/p/anais-de-eventos.html>.

Souza, S. P., et al. (2021). A educação escolar quilombola no contexto da pandemia/COVID-19. In *Anais – Encontro de Educação Escolar Quilombola 2019–2021* (Vol. 1). Cuiabá, MT. <https://gepequfmont.blogspot.com/p/anais-de-eventos.html>.

Walsh, C. (2019). Interculturalidade e decolonialidade do poder: Um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença colonial. *Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPel)*, 5(1). <https://periodicos.ufpel.edu.br>.

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 17/01/2026
Aprovado em: 15/02/2026
Publicado em: 17/03/2026

Received on January 17th, 2026
Accepted on February 15th, 2026
Published on March, 17th, 2026

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The authors were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Santos, J. A., & Castilho, S. D. (2026). Formação continuada de docentes atuantes em Educação Escolar Quilombola: saberes em diálogo. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 11, e20495.

ABNT

SANTOS, J. A.; CASTILHO, S. D. Formação continuada de docentes atuantes em Educação Escolar Quilombola: saberes em diálogo. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 11, e20495, 2026.